

ENTREVISTA

# Neil Smith



foto: mimdap.org

Entrevistado em julho de 2012,  
por André Pasti e Eduardo Sombini.

*Contribuiu: Adriana Bernardes da Silva.*

Entramos em contato com o professor Neil Smith em 2011, quando ele gentilmente aceitou a realização da entrevista durante a Conferência Internacional de Geografia Crítica (ICCG), realizada naquele ano em Frankfurt, Alemanha. Infelizmente, Smith não pode comparecer ao evento, mas se dispôs prontamente a realizar a entrevista eletronicamente. Sempre solícito e gentil, o professor respondeu à breve entrevista, no fim de julho de 2012, sendo talvez uma de suas últimas entrevistas em vida.

No fim de setembro de 2012, pouco antes desta publicação, fomos surpreendidos com o falecimento precoce de Neil Smith, aos 58 anos. Ele deixa como herança acadêmica um vasto e denso conjunto de obras críticas essenciais sobre o desenvolvimento desigual e combinado, o avanço do neoliberalismo, os processos de produção e reorganização das metrópoles no capitalismo, as dinâmicas da gentrificação, além de textos que abordam as escalas geográficas, a produção do espaço, as revoluções, entre tantos outros temas.

Fundamental na renovação crítica da geografia e falecido no auge de sua produção, sua perda será muito cara ao pensamento geográfico. Esperamos que esta entrevista possa ser um momento de contato com sua obra e um convite ao estudo do pensamento desse importante e engajado geógrafo.

\* \* \*

*Boletim Campineiro de Geografia*: Professor Neil Smith, como foi sua aproximação com a geografia?

*Neil Smith*: No ensino médio, sempre foi com a matemática que eu parecia ter uma afinidade maior, mas foi a geografia que me fascinou. Eu transitei efetivamente para a geografia na Universidade. Em um primeiro momento, fiquei fascinado com a geomorfologia glacial e a forma como as geleiras esculpiram as paisagens mas, depois de um ano na Filadélfia, passei a me fascinar com as maneiras por meio das quais os processos sociais também “esculpem” paisagens.

*BCG*: Ao fim de “Desenvolvimento desigual”, você anuncia a necessidade de se produzir uma *Geografia* genuinamente social. Mais de 25 anos depois, você acha que a Geografia progrediu nesse sentido?

*Neil Smith*: Sim e não. O “sim” é porque tem havido um renascimento total na geografia humana. Mais de dez anos atrás, o crítico literário Terry Eagleton disse que a geografia era a mais “sexy”<sup>1</sup> de todas as disciplinas, e ele não estava errado. O “não” é que esse processo é acompanhado por obstáculos. Por um lado, muitos acadêmicos invadiram a geografia humana como um recurso, especialmente

---

1 EAGLETON, Terry. International Books of the Year. Times Literary Supplement, 5 December. 1997. Neil Smith se refere a essa passagem em seu artigo *Marxism and Geography in the Anglophone World*, publicado na *Geographische Revue*, n. 2, 2001.

com referências superficiais ao espaço, sem necessariamente compreendê-lo. Por outro lado, acho que muito da geografia cultural britânica tem tomado a “virada social” da disciplina e a tornado supérflua, tanto intelectual quanto politicamente. Ainda assim, acho que vale a pena acentuar o que é positivo. Na verdade, há um renascimento de uma geografia social, mas é um projeto contínuo e em construção.

**BCG:** Em 1994, você esteve presente no Brasil para o “Encontro Internacional Lugar, Formação Socioespacial, Mundo”, organizado pelo Prof. Milton Santos. Qual seria, para você, a importância da obra de Milton Santos para a geografia crítica?

**Neil Smith:** Milton era monumental. Sua influência não foi apenas brasileira, mas também global. Eu já estive com ele, e ele esteve comigo na Rutgers [Universidade Estadual de New Jersey, Estados Unidos]. Eu acredito que sua força era a

política de seu trabalho. Ele escreveu alguns dos trabalhos sistêmicos de geografia do capitalismo mais perspicazes. Em algum lugar, escrevi um texto chamado “The Spectre of Milton Santos” [O espectro de Milton Santos] — que não me lembro onde foi publicado<sup>2</sup> — mas era amplamente de apoio, talvez até adulatatório. Eu entrei em contato com sua obra enquanto estava na graduação, a partir de seus trabalhos publicados na *Antipode*<sup>3</sup>. Se eu fosse fazer algum tipo de crítica, eu diria que talvez fosse muito abstratamente sistêmico, com menos ênfase no “social” do que eu gostaria.

*Milton era monumental. Sua influência não foi apenas brasileira, mas também global. (...) acredito que sua força era a política de seu trabalho.*

**BCG:** Alguns movimentos, como o ICG (*International Critical Geography Group*), do qual você faz parte, têm buscado um diálogo mundial da geografia crítica. Como você avalia a situação da geografia crítica mundial hoje?

**Neil Smith:** Eu acredito que o ICG funcionou muito bem no contexto da geografia pós-1970. Suas contribuições centrais foram: primeiro, manter uma

2 O texto “O espectro de Milton Santos” foi publicado no livro: SOUZA, Maria Adélia Ap. de (org.). *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 187-190.

3 Milton Santos publicou na *Antipode: a radical journal of geography* os textos “Geography, marxism and underdevelopment” (v. 6, n. 3, dez./1974); “Society and space: social formation as theory and method” (v. 9, n. 1, fev./1977); “Planning underdevelopment” (v. 9, n. 3, dez./1977); “The Devil’s Totality: How Geographic Forms Diffuse Capital and Change Social Structures” (v. 12, n. 3, dez./1980) e “Spatial Dialectics: The Two Circuits of Urban Economy in Underdeveloped Countries” (v. 9, n. 1, fev./1977; v. 17, n. 2-3, set./1985).

política crítica conjunta em um contexto de maior retração política; segundo, e provavelmente mais importante, o grupo reuniu os geógrafos radicais de diversos continentes. Eu sei que a AAG [Associação dos Geógrafos Americanos], nos Estados Unidos, foi ameaçada pela nossa própria existência. Tendo dito isso, eu acredito que a retomada na atividade política agora aponta para uma direção diferente. Com relação a isso, também acredito que o ICG perdeu sua vertente crítica. Isso foi provavelmente inevitável. O ICG fez seu trabalho. Os resquícios disso foram o estabelecimento de uma rede internacional de geógrafos radicais, e isso só pode ser bom.

*BCG:* As diversas ocupações que vem ocorrendo no mundo, principalmente desde 2011, entre as quais se destaca o #OccupyWallStreet, parecem agrupar uma pluralidade de pautas e agregar movimentos diversos e, em certa medida, antagônicos. Como você avalia os desafios e possibilidades desses movimentos para a construção de uma alternativa política?

*Neil Smith:* Tenho sido muito favorável ao movimento *Occupy*. Passei algum tempo no lugar da ocupação em Nova York, e visitei “ocupações” em Hong Kong, Montreal e várias outras. Mas também acredito que há uma certa “irrealidade” na perspectiva desses movimentos. A revolta é fantástica! Quando os policiais da cidade de Nova Iorque destruíram o lugar da ocupação (ilegalmente), eles queimaram livros da biblioteca, inclusive bíblias. A organização interna era magnífica, mas é necessário que haja uma visão política maior. E isso significa organização, exteriormente. Como eles e nós vamos construir essa movimentação? A boa notícia é que o futuro — digamos, cinco anos à frente — está radicalmente aberto.

*BCG:* Ainda em relação a essas ocupações, como você considera que esses movimentos têm “saltado” a escala do lugar para as escalas da nação – ou da formação socioespacial – e do mundo?

*Neil Smith:* O fato de o movimento *Occupy* ter se tornado global — seriam 90 países? — testemunha esse salto. O salto da escala é razoavelmente automático nesse ponto. Sempre o foi — só nunca havia sido reconhecido.

*BCG:* As últimas décadas marcam um aprofundamento enorme das desigualdades sociais e da segregação espacial nas grandes metrópoles do mundo, associado à difusão das fórmulas neoliberais. Como você tem analisado a urbanização dos países subdesenvolvidos nesse contexto?

*Neil Smith:* Eu acho que o ponto principal é que, ao contrário da análise de Saskia Sassen de “cidades globais”, que faria sentido nos anos 1980, os principais focos de transformações urbanas agora pertencem aos países chamados “em desenvolvimento” — cidades como Mumbai, Xangai, São Paulo e tantas outras. Se separarmos do fetiche com as finanças — que a economia global possui, de toda forma —, então poderíamos dizer que essas seriam as verdadeiras cidades globais.

*BCG:* Há algumas décadas, você tem participado ativamente e polarizado o debate acadêmico e político em torno da gentrificação<sup>4</sup>, que se tornou um dos temas mais controversos e disputados no campo dos estudos urbanos. Como você vê esse debate hoje?

*Neil Smith:* Eu não tenho certeza se há muitas outras questões envolvidas nos debates sobre a gentrificação. A gentrificação se tornou global de uma maneira que nós jamais poderíamos ter antecipado nos anos 1970, quando eu comecei a trabalhar esse tema. A gentrificação é, agora, um fenômeno global. Ela também foi planejada e organizada por meio de departamentos de planejamento e muito mais. As Olimpíadas de Londres estão se tornando um dos maiores projetos de segurança e gentrificação. Mas ela também aparece em Pequim, onde houve remoções de aproximadamente 1 milhão de pessoas. O processo se tornou global, quando comparado aos anos 1970.

*BCG:* Qual papel as disputas sociais pelas cidades podem ter na construção de alternativas políticas? Para você, existe alguma perspectiva na conjuntura atual de caminharmos em direção à construção do direito à cidade?

*Neil Smith:* Eu acredito totalmente no direito à cidade, à maneira de Lefebvre, mas também acredito que a ideia tem sido apropriada por um liberalismo do qual não quero nenhuma parte. Parcialmente, esse é um problema de Lefebvre — ele sempre foi inconstante. Mas isso também é um tema para a esquerda. Nós fizemos um bom trabalho ao organizar com o que o “direito à cidade” deveria parecer. Concordo com seu ecletismo, mas não com a sua falta de foco, se isso fizer algum sentido... Acho que precisamos nos organizar.

---

4 Entre as obras de Neil Smith a esse respeito, destacamos: (a) *Toward a Theory of Gentrification: A Back to the City Movement by Capital, not People*, *Journal of the American Planning Association*, v. 45, n. 4, 1979; (b) *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. New York: Routledge, 1996; e (c) A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (org.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006, entre muitas outras.

*Acho que precisamos entender que o futuro está radicalmente aberto. Isso não era verdade cinco anos atrás.*

**BCG:** Em textos recentes<sup>5</sup>, você trata do imperativo da revolução para a derrocada do capitalismo. Nesse sentido, quais seriam os desafios que caberiam aos intelectuais hoje?

*Neil Smith:* Acho que precisamos entender que o futuro está radicalmente aberto. Isso não era verdade cinco anos atrás. Desde o fim da década de 1960 ou início da década de 1970, nos Estados Unidos, a “revolução” deixou de figurar como utopia, mas isso é uma ilusão. Até Foucault, o anti-Marx do pós-estruturalismo, disse que revoluções são inevitáveis. Como? Por quê? Quem saberá... Acredito que os intelectuais devem entender e absorver essa possibilidade. E se envolver.

#### Sobre o entrevistado

*Neil Smith:* geógrafo nascido em 1954 (Leith, Escócia) e falecido em 29 de setembro de 2012. Foi professor emérito de antropologia e geografia na Universidade da Cidade de Nova York (CUNY). Formou-se na Universidade de St. Andrews, na Escócia (1977), com Ph.D. pela Johns Hopkins University (EUA). Lecionou, também, nas universidades de Columbia e Rutgers (EUA). Entre seus livros publicados, destacam-se *The Endgame of Globalization* (Routledge, 2005), *American Empire: Roosevelt's Geographer and the Prelude to Globalization* (University of California Press, 2003), *New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City* (Routledge, 1996) e *Uneven Development: Nature, Capital and the Production of Space* (Basil Blackwell, 1984). Este último foi publicado também em português (*Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço*, Bertrand Brasil, 1988).

\* \* \*

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Entrevista realizada em julho de 2012.

---

5 O principal deles talvez seja o ensaio *The Revolutionary Imperative*, publicado na edição de comemoração de 40 anos da revista *Antipode*, v. 41, n. 1, 2009. Outro de grande importância é o editorial *Another revolution is possible: Foucault, ethics, and politics*, publicado em *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 25, n. 2.